

EXPRESSÃO ARTÍSTICA E AFETIVIDADE: EDUCAÇÃO INFANTIL

ARTISTIC EXPRESSION AND AFFECTION: EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Nayara Richelli da Silva Vargas*
Maria Gabriela Curtolo**
Daniella Nunes Rollo Neodini***

RESUMO

A presente pesquisa trata das artes visuais enquanto elo entre a afetividade e suas implicações em relação ao ensinar e ao aprender. A afetividade tem como base as primeiras manifestações da existência humana, dado que as relações estabelecidas com os pares garantem os cuidados que o sujeito necessita, determinando sua sobrevivência. Assim sendo, o vínculo afetivo promove o comprometimento com as situações que se apresentarem. Da mesma maneira ocorre em sala de aula quando artes visuais estão presentes, com a qual o aluno tem acesso ao mundo simbólico e, assim, conquista avanços significativos no domínio cognitivo, motor e emocional. O que se deve levar em consideração é que o ensino da arte possui como fio condutor a humanização, a qual deverá caminhar para a transformação, e para isto, é preciso estabelecer vínculo afetivo. Toda aprendizagem está invadida de afetividade, já que se estabelece por meio das interações sociais, num processo recíproco. Refletindo, estritamente, na aprendizagem escolar, a trama que é tecida entre educandos, docentes, conteúdo das disciplinas, livros, escrita etc. não advém meramente no campo cognitivo, pois há uma base afetiva transpondo essas relações. Desse modo, o estudo teve como objetivo central identificar o papel da expressão artística na afetividade para a formação da criança. Para a compreensão do tema, realizou-se uma revisão de literatura sobre o tema proposto. Com o estudo, pôde-se perceber que as experiências relacionadas ao ensino da arte permitem que o aluno expresse seus sentimentos e, por conseguinte, a afetividade é facilitadora da aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Afetividade. Prática Pedagógica. Educação.

ABSTRACT

This research deals with the visual arts as a link between affectivity and its implications for teaching and learning. Affectivity is based on the first manifestations of human

* Graduada em Pedagogia pela UNINTER e em Artes Visuais pela FAVENI. Pós-graduada em Educação Especial pela FAVENI e em Educação Infantil pelo Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson” – UNAR. nayaravargas.nv@gmail.com

** Graduada em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson” - UNAR. Pós-graduada em Arte e Educação pelo Centro Universitário Claretiano. Professora PEB II no município de Araras. m-gabi-curtolo@hotmail.com

*** Graduada em Biomedicina pela Fundação Hermínio Ometto - Uniararas. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Cruzeiro do Sul. Mestrado em Ciências Biomédicas pela Fundação Hermínio Ometto – Uniararas Secretária escolar no município de Araras. daniella.neodini@hotmail.com

existence, given that the relationships established with peers guarantee the care that the subject needs, determining their survival. Therefore, the affective bond promotes commitment to the situations that arise. In the same way, when visual arts are present in the classroom, students have access to the symbolic world and thus make significant progress in the cognitive, motor and emotional domains. What must be taken into account is that the teaching of art has humanization as its guiding thread, which should lead to transformation, and for this, an affective bond must be established. All learning is invaded by affectivity, since it is established through social interactions, in a reciprocal process. Reflecting strictly on school learning, the fabric that is woven between students, teachers, subject content, books, writing etc. does not come merely from the cognitive field, as there is an affective basis running through these relationships. The main aim of this study was therefore to identify the role of artistic expression in the child's affective development. In order to understand the topic, a literature review was carried out on the proposed theme. The study revealed that experiences related to art teaching allow students to express their feelings and therefore affectivity facilitates learning.

Keywords: Art education. Affectivity. Pedagogical Practice. Education.

Introdução

O desenvolvimento humano está intimamente atrelado com a nossa imersão na esfera social que ocorre nos primeiros anos de vida. Aquilo que é aprendido e a maneira como se determina a aprendizagem e como ela se estabelece diz respeito a uma gama enorme de experiências escolares e sociais, sendo estas fundamentais para o desenvolvimento posterior de novas habilidades, compreensão do mundo e convívio social. Diante dessas experiências, o Ensino da Arte tem influenciado a relação entre professores e crianças, bem como otimizando seu vínculo interpessoal com a aquisição e a construção do conhecimento (Moyle *et al.*, 2010).

Nessa toada, nas creches e pré-escolas, tem-se diariamente, a oportunidade de trabalhar o desenvolvimento integral dos alunos, permitindo que a criança explore a realidade interna e externa. Dessa forma, o trabalho com a afetividade poderá ser uma proposta plausível, servindo de elo na promoção de potenciais educativos, logo, o Ensino da Arte poderá ser um meio e um instrumento que contribui no desenvolvimento dos processos de construção das estruturas emocionais e do conhecimento.

Ao estudar a primeira infância, verificam-se significativos avanços, tanto para a assimilação quanto para a influência de situações infantis no comportamento e na adaptação, ou não das crianças maiores, dos adolescentes e dos adultos. Existe um alto índice de entendimento, entre vários estudiosos que trabalham com crianças, de que a

“conexão afetiva” inicial terá influência no desenvolvimento do bebê, sendo que esta ligação já se inicia com o convívio com sua mãe.

Pode-se assegurar que, muito do que acontece durante o primeiro ano de vida do ser humano, tendo em vista que o desenvolvimento emocional é iniciado nesse período, é primordial para a saúde mental da criança, considerando que relações das crianças com os outros e com o mundo também repercutem na saúde mental, do mesmo modo também inclui o acesso à saúde, à educação e à assistência.

Desse modo, a afetividade assume um papel de grande valor, devendo estar abarcada como aspecto intrínseco do desenvolvimento físico e intelectual da criança. Tal fato incita a questionar: qual a contribuição no Ensino de Artes no desenvolvimento afetivo das crianças assistidas no Ensino Infantil? Com o intuito de responder determinada indagação, o estudo possui como objetivo identificar o papel da expressão artística na afetividade para a formação da criança.

Portanto, o início deste trabalho foi dedicado a apresentar brevemente algumas questões históricas que permeiam o ser criança e sobre as características centrais dessa etapa do desenvolvimento. Posteriormente, foi realizado um elo entre a expressão artística, afetividade e suas contribuições no desenvolvimento dos campos funcionais da criança.

Desenvolvimento

Quando se fala em educação, várias podem ser as ideias que surgem a partir dessa palavra. Em nosso contexto, o termo pode ser usado para classificar alguém como educado no sentido de ter boas maneiras, simpatia e bom comportamento ou então dizer respeito a um processo que ocorre ao longo da vida de todos os seres humanos permeado por questões éticas, morais, científicas, naturais, comportamentais, de linguagem, das ciências exatas, das ciências biológicas etc. Para tanto, faz-se necessários à existência de contextos para que tais questões se deem, através das relações humanas, que vão, assim, estabelecendo maneiras particulares de passá-las a outros indivíduos (Souza; Zibetti, 2016).

Buscando explorar as concepções sobre educação, encontramos em nossa constituição a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que define a educação em seu Art. 1º enquanto sendo algo que:

[...] abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996).

Buscando no dicionário, segundo Trevisan (2008), define:

Educação (do latim *Educatione*) é transmissão de conhecimento; e também, cultivar o espírito, construir-se, cultivar-se. Ato ou efeito de educar; Aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino; Processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício; Formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo.

Complementando esta ideia, Ferreira (2010, p. 251), concebe uma definição um pouco diferente para a palavra ‘Educar’. O autor entende que educar, consiste em “1 Promover o desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física de (alguém), ou de si mesmo. 2 Instruir (-se)”. Baseado nas definições encontradas em nosso dicionário e em nossa constituição nacional, podemos pensar diferentes ideias que as palavras educação e educar carregam.

Podemos usá-las tanto como um adjetivo que agrega valor para o outro, como no caso de quando dizemos que “fulano é educado” atribuindo, com isso, um valor reconhecido como positivo em nossa cultura como, por outro lado, a palavra pode ser vista como uma ação, sendo um “ato ou efeito de educar, uma promoção do desenvolvimento das capacidades intelectuais, morais e físicas de alguém ou de si próprio”, que ocorre por meio de diferentes contextos e de diferentes formas. Subentende-se que, para que seja possível um movimento de ato e efeito é necessário que exista um sujeito que educa (ato) e outro que é educado (efeito). Nesse sentido, vamos construindo uma ideia de que não existe educação por si só, mas sim educação enquanto uma ação ou um efeito desta, envolvendo duas ou mais pessoas neste mesmo processo (Souza; Zibetti, 2016).

Buscando um aprofundamento da definição de ato ou efeito de educar, e no significado profundo que esta palavra carrega a palavra “educação” tem origem no latim “educare”, que significa: conduzir de dentro para fora. Esse termo explica bastante o que é a educação de fato, ou seja, uma atividade que tem como principal objetivo fazer com que os indivíduos alcancem seu máximo potencial. Isso vem a partir do aprendizado de informações, técnicas e habilidades, mas também do aperfeiçoamento de algumas

habilidades já existentes. Por isso a educação tem o poder de mudar a pessoa, seja criança ou não, em diversos aspectos, tanto individual quanto socialmente.

Quando se busca na literatura sobre a história da educação, como processo em si e não como adjetivo que agrega valor, e sobre seu desenvolvimento até os dias atuais, muito se encontra na educação concebida pelos antepassados uma forma de educar pela imitação. Neste modelo, a criança vislumbrava num adulto próximo de seu convívio social ações e comportamentos que, na medida em que lhe fazia sentido era imitada por ela. Quanto a isso, Caro e Guzzo (2004, p. 20) pontuam que “como no período antigo não havia espaço específico para aprender, a educação era acompanhada pela imitação”.

Para as autoras, esta forma de educação concebida num período mais antigo perpassa os dias de hoje quando se pensa a educação informal em seus contextos familiares e sociais. Buscando uma definição para o ato de educar, encontra-se em Rodrigues (2001, p. 241) uma ideia que diz que:

Educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação. Esta é uma das condições para que ele se construa como sujeito livre e independente daqueles que o estão gerando como ser humano. A Educação possibilita a cada indivíduo que adquira a capacidade de auto conduzir o seu próprio processo formativo.

A partir dessas discussões, é possível pensar na ideia de educação enquanto algo que vai além de envolver o sujeito que educa, enquanto um agente educador totalmente ativo nesse processo, envolve também um sujeito que tem seus meios intelectuais acionados por este, à medida que isso vai lhe fazendo algum sentido. Este processo educativo, apesar de ser concebido num primeiro momento por meio da imitação dos comportamentos e conhecimentos que chegava ao indivíduo, reconhecido até então como algo informal, se transforma ao longo da história até chegar ao que se entende por educação formal (Torres, 2014).

Tal forma de educar, segundo Gadotti (2005, p. 2) propõe “objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas”. Sendo assim, vai se desenhando a ideia de que a educação informal não pressupunha um espaço específico nem burocracias ou hierarquias para acontecer, enquanto a educação denominada formal como vê em Caro e Guzzo (2004, p. 34) “remete

a um contexto escolar onde um método específico de ensino é utilizado de forma sistemática”.

A educação existe difusa, em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especializados; mais adiante, com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (CARO; GUZZO, 2004, p. 20).

É possível notar que a educação foi então sendo repensada ao longo da história e o que antes era visto como algo que acontecia sem um espaço específico e pautado na ideia do adulto como detentor do saber e digno de imitação, foi sendo repensado a partir de uma instituição onde educadores que detêm um saber formal poderiam passá-lo às crianças e adolescentes. No entanto, Piletti (1997, p. 79) chama a atenção para essa detenção absoluta do saber formal elucidando que:

A relação entre professores e alunos deve ser uma relação dinâmica, como toda e qualquer relação entre seres humanos. Na sala de aula, os alunos não deixam de ser pessoas para transformar-se em coisas, em objetos, que o professor pode manipular, jogar de um lado para o outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não entende, como um fichário ou uma gaveta. O aluno é capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. O aluno é gente, é ser humano, assim como o professor.

Entende-se, portanto, que a escola e os agentes educadores que nela se encontram são os grandes detentores da educação denominada formal já que lançam mão de métodos de ensino específicos, avaliações formais, sistematização da matéria ensinada e profissionais totalmente restritos a áreas específicas do saber como a matemática, português, ciências, história etc. (Torres, 2014).

Nesse sentido, Gadotti (2005, p. 2) aponta que “o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade”. Pode-se dizer que a escola é uma instituição atravessada pelo conceito da técnica, como propõem Pompéia e Sapienza (2011) enquanto sendo a grande organizadora das práticas e das normas a serem seguidas, não dando espaço para a reflexão e para a heterogeneidade.

A técnica mantém o homem adequado àquilo que lhe é proposto nesta época: ser aquele que, diante da natureza, diante de tudo o mais que ele encontra, deve extrair dali algo que diga respeito à produção de algo. E, para que ele se sinta bem, até para que produza bem, a técnica produz e vende as informações que o tornam ciente da importância do descanso, do lazer, do aprimoramento cultural. Ela torna disponíveis no mercado os meios para que ele cuide de si, ou seja, de sua mente, de seu corpo, de sua vida social, de sua chamada vida pessoal. Ela diz o que e como fazer para otimizar sua produção, para ser alguém agregador, capaz de

autocontrole, de liderança, apto para ir em busca de seus interesses [...]. Entretanto, mais do que em qualquer outra época, o homem hoje é jogado na impessoalidade, ele é "todo mundo": Ele é absorvido pela vontade autônoma da técnica (Pompéia; Sapienza, 2011, p. 125).

Diante desse constructo histórico e das concepções de educação que se tem atualmente, a escola é vista pela maioria das pessoas como extremamente responsável pela educação do indivíduo. Porém, a escola enquanto educadora formal e tecnicista, não dá conta de assumir sozinha um papel que também diz respeito à família, à sociedade, à cultura e ao próprio indivíduo. Sendo assim, devemos ter claro que tem sido atribuída às escolas cada vez mais responsabilidades educativas que não cabem somente a ela (Torres, 2014).

Como visto em uma das definições dadas à educação no dicionário de língua portuguesa, instruir e disciplinar são duas palavras que surgem como função deste ato. No entanto, ao instruir uma pessoa a algo, pressupõe-se que esta pode ou não seguir à instrução, o que acaba por desconstruir um pouco a visão de educação enquanto sendo determinante para direcionar o educando a um ou a outro caminho (Araújo, 2002).

Logo, as escolas de educação formal, além de tomarem para si a ideia de instrução sem considerar a possibilidade de não seguimento do indivíduo ao que lhe foi instruída, visa também discipliná-los de acordo com regras, normas e hierarquia existentes institucionalmente. Isto é necessário, é claro, para um bom funcionamento institucional e talvez para uma melhor organização do ato educativo, porém é necessário cuidado para que não se acabe verticalizando demasiadamente as relações estabelecidas no âmbito da educação formal, já que o professor é visto como detentor absoluto do saber enquanto um agente que exerce o ato de educar, e o aluno um sujeito passivo do efeito que este ato lhe causará. Faz-se necessário, contudo, não generalizar tal informação (Torres, 2014).

A discussão aqui pretendida parte da ideia da escola enquanto detentora absoluta do saber, porém não se visa com esta afirmação assegurar que toda escola parte deste princípio nem se posiciona demasiadamente verticalizada. Considerando a existência de instituições escolares que partem do princípio do saber absoluto, Araújo (2002, p. 33-34) aponta que:

Na perspectiva de simetria, os direitos de igualdade e liberdade, devem ser extensivos a todas as pessoas nas instituições democráticas e nas escolas. Já a ideia de assimetria natural dos papéis de estudantes e docentes nas relações escolares, assim como nas relações familiares [...], calcada na diferenciação de conhecimentos e experiência, aponta problemas na compreensão de como a democracia se apresenta em tais instituições. Precisamos ter clareza de tais concepções e cuidado em sua

interpretação, pois dependendo da forma com que e concebida abrem-se possibilidades para justificar o autoritarismo e o absolutismo.

Instruir e disciplinar podem ter, portanto, um cunho verticalizado no ato de educar. Tal autoritarismo visto por vezes em algumas instituições de educação formal, em que um ser detém o saber e outro “apenas recebe” este saber, acaba por desconsiderar o indivíduo em processo de aprendizagem, colocando muitas vezes o disciplinamento como objetivo principal no ato de educar (Araújo, 2002).

Entretanto, vale ressaltar que não é possível generalizar tal afirmação para todos os contextos escolares existentes, sendo necessário deixar claro que se trata de uma forma mais tradicional de pensar a educação e que esta já foi superada desde o século XX, muito embora, como discutido até o momento, algumas escolas ainda permaneçam nessa linha de atuação (Araújo, 2002).

Portanto, pode-se dizer a partir desta discussão, que a escola ao longo da história e da concepção de educação foi se estabelecendo enquanto instituição de educação formal baseada em uma hierarquia, processos sistemáticos de ensino e educação formalizada, sendo um agente educador importante para a constituição individual no que se refere a ensinamentos pontuais e específicos (Torres, 2014).

Dando continuidade à discussão, ao considerar que a educação é vista como responsabilidade escolar, é importante ter clareza que a forma pela qual a educação se dá, atravessa o indivíduo por toda sua vida e são a partir delas que o sujeito se relaciona com o mundo e atribui sentido ao que vive. Silva (2011) pontua que a educação se trata de algo ao mesmo tempo “intersubjetivo, e coletivo”. Dessa forma, para o autor, a educação é influenciada por questões histórico-culturais, que ao chegar até o educando, lhe causará algo único que de acordo com suas próprias perspectivas singulares será lhe atribuído um sentido.

Entretanto, não podemos deixar de assinalar que não é apenas a escola única e responsável por ensinar, pois a criança, assim que nasce já está dado ao mundo e passível de influências exteriores das mais variadas possíveis. O primeiro contato desta com outras pessoas e conseqüentemente com questões educativas advindas de outros grupos, se dá pela família, um importante componente considerado na literatura como responsável pela educação, como vemos em Piletti (1997, p. 274):

As primeiras experiências educacionais da criança geralmente são proporcionadas pela família. Depois de nascer, a criança começa a sofrer influências familiares que, aos poucos, vão modelando seu comportamento: a roupa que deve vestir, a alimentação que deve tomar

em determinados horários, as horas em que deve dormir. Mais tarde, é o treino para que ande, fale, não faça xixi na roupa etc.

É da família, portanto, que as primeiras influências externas se dão na vida do sujeito, que posteriormente terá influência de amigos, da escola, da comunidade e da sociedade de uma forma geral. Sendo assim, pode-se afirmar que o indivíduo se educa por diferentes meios e de diferentes maneiras. A televisão, o cinema, o teatro, o jogo de futebol, a poesia, a literatura e a brincadeira podem ser vistas como agentes educadores. Vai se compondo uma ideia de que toda e qualquer vivência contribui de alguma forma para a educação individual e o processo de desenvolvimento do sujeito. Contudo, o objeto da presente pesquisa aborda a respeito da educação inserida no campo escolar, por isso a intenção aqui é não se aprofundar na educação não formal (Caro; Guzzo, 2004).

Portanto, a partir das ideias trazidas, foi sendo discutido e exposto todo o contexto pelo qual o indivíduo se constitui inserido na instituição escolar. Se tratando do próprio aluno em processo de educação, entendendo que ele não se trata de um sujeito passivo no processo de sua constituição, mas sim totalmente ativo já que lançará mão de julgamentos, contraposições e reflexões totalmente singulares a respeito do que tem recebido.

Diante disso, o segundo ponto de discussão buscará percorrer sobre a importância desse sujeito que pensa, reflete, tem opiniões e sentimentos, não sendo apenas um ser passivo da educação que recebe, mas sim um importante ator do próprio processo educativo. Por isso será refletido a respeito das possíveis relações entre a afetividade e a arte, bem como sua importância na aprendizagem.

Considerações finais

Como discutido ao longo deste artigo, o ensino da arte ultrapassa um mero desenho, tendo em vista que a produção do aluno deverá ser sempre permeada por sensibilidade, sentido estético, emoção e capacidade de sentir. Esta é uma opção significativa e com capacidade de humanizar os alunos, possibilitando que este conheça e compreenda o mundo em que se encontra e assim possa agrupar condições de portar-se nele como indivíduo que tem a capacidade de manifestar suas emoções de forma segura.

Notou-se que no Ensino Infantil, o ensino da arte permite a estimulação da criação de vínculos afetivos com o próprio professor e com os próprios colegas inseridos na sala de aula, o que faz fortalecer e estimular o relacionamento colaborativo e respeitoso, dando

margem para que as crianças possam nutrir os sentimentos positivos por si próprios assim como pelos outros. O professor, nessa esfera, deve ser o mediador, mostrando aos alunos que ao respeitar as produções artísticas de seus educandos, os levam a aprender a admirar as produções dos outros alunos, o que permite e dá margem para novas criações e para aguçá-las a criatividade e o trabalho em grupo.

Percebe-se uma necessidade dos docentes que lutam para mostrar o quanto é potencializador, para os alunos, a arte no currículo escolar. Uma vez que as artes visuais ampliam a visão de mundo, permitindo novas expressões e ocupam uma atitude acolhedora e inclusiva. Ao criar um espaço de sala de aula afetivo, o professor assegura uma aproximação entre afetividade e cognição, a qual permite uma educação integral do educando.

Assim, as artes visuais cumprem sua função transformadora, através de ações que transbordam sentimentos, sensações e produções únicas, singulares de cada aluno, sendo capaz de esboçar variadas formas de manifestações dos seus sentimentos por meio da arte, modelando suas formas de sentir, inclusive.

Referências

ARAÚJO, U. F. de. **A construção de escolas democráticas**: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências. São Paulo: Moderna, 2002.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de novembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Casa Civil, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 2 mar. 2024.

CARO, S. M. P.; GUZZO, R. S. L. **Educação social e psicologia**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

GADOTTI, M. **A Questão da Educação formal/não formal**. Sion: IDE, 2005.

MOYLES, J. R. *et al.* **Fundamentos da educação infantil**: enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 76, p. 232-257, out. 2001.

SILVA, J. S. da. **O planejamento no enfoque emergente:** uma experiência no 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos. 2011. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, F. L. F. de.; ZIBETTI, M. L. T. Uma escola: múltiplos olhares: avaliação e recuperação no cotidiano escolar. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 394-409, maio/ago. 2016.

TREVISAN, R (Org.). **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Dicionário Online. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 5 mar. 2024.